

# Continuamos a registar donativos para o NATAL DOS POBRES

ANO 24.º — Número 1249 — O Jornal de maior expansão e defensor dos interesses de Guimarães — Domingo, 11 de Dezembro de 1955

Director, editor e proprietário  
**Antonino Dias Pinto de Castro**  
—  
Redacção e Administração:  
Rua da Rainha, 56-A  
Telef. 4315

# Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão  
**TIP. IDEAL**  
Telef. 4381  
—  
VISADO PELA CENSURA  
— AVENÇA —

## TOMARAM POSSE OS NOVOS

### Presidente e Vogais da Junta de Turismo

### e inaugurou-se um melhoramento local

A cerimónia da inauguração oficial das novas e modernas instalações da Junta de Turismo da Pênia, nesta cidade, que coincidiu com o empossamento dos novos Presidente e Vogais da referida Junta, revestiu-se de muita solenidade e teve a assistência de muitas figuras marcantes no meio, todas se congratulando pela realização de mais um melhoramento para a cidade e por assistirem a um acto em que um grupo de pessoas, em quem se reconhecem excelentes qualidades de trabalho e de iniciativa, começa a sua acção em prol do Turismo.



Professor José de Pina  
ex-Presidente da Junta de Turismo

O acto decorreu num ambiente de franca simpatia. Pelo Turismo da Pênia têm passado figuras prestigiosas como António José Pereira de Lima, saudoso vimaranense, e o Professor José de Pina, que agora abandona, por virtude de falta de saúde, o lugar onde trabalhou incansavelmente e durante muitos anos. Aquelas mesmas funções foram desempenhadas anteriormente pelo nosso conterrâneo sr. António Francisco Ferreira de Castro, a quem igualmente se ficaram devendo prestimosos serviços.

Agora ascende à presidência da Junta o sr. dr. Carlos Saraiva, que, a par da sua reconhecida dedicação pela terra, cujas belezas por vezes tem sabido cantar em admiráveis hinos de louvor, possui largos conhecimentos e uma esclarecida inteligência, dotes que muito há-de contribuir, disso estamos absolutamente certos, para prosseguir a obra encetada e de que tem sido, de há anos para cá, incansável e competente orientador, o sr. Manuel Soares Moreira Guimarães.



Doutor Carlos Saraiva  
novo Presidente da Junta de Turismo

Com um grupo de colaboradores de reconhecida actividade, estamos certos de que o novo Presidente da Junta de Turismo há-de deixar bem assinalada a sua passagem por aquele lugar. E esses são os nossos votos mais sinceros.

A sessão da posse efectuou-se no domingo, pouco depois das 11 horas, na nova sede da Junta, nesta cidade, no Largo 28 de Maio.

Presidiu o sr. dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, Presidente da Câmara Municipal, ladeado pelas seguintes individualidades: dr. Carlos Saraiva, Presidente da Junta de Turismo; Prof. José de Pina, presidente, cessante da mesma Jun-

## Um domingo bem passado!

Forasteiro na própria terra natal? Não. Os meus conterrâneos não querem que eu me diga «forasteiro». Querem-me da família. Embora arredado, longe da terra-mãe, entendo, em boa política, que eu ainda estou entre eles. Com efeito, meu espírito está presente.

Por que assim é, eu surjo. Aceito aos convites. Convidado a assistir à inauguração da sede do Turismo, fiz-me de rosto a Guimarães. E não só em pessoa, mas de alma. Que vi eu? A nova sede é um arranjo. Está longe de ser aquilo que devia e convinha que fosse. Ainda assim, não custa confessar: — a actual sede do Turismo, não nos envergonha. O melhor, virá um dia. Quando se faça edifício. Nele, então, se instalará uma pequena galeria de coisas que interessam ao turista. A actual instalação não tem suficiente espaço vital para expor um pequeno mostruário de artefactos, de «lembraças».

## CONVERSA NOCTURNA

Por AURORA JARDIM

Todas as luzes se apagaram já, mas aqueles conhecidos que se encontram nos salões do estabelecimento Machado, não precisam de claridade para se interpellarem. Diz a poltrona de damasco antigo: — A mim, ninguém me convida. Nada há como o farniente!... — E's uma resignada moicongona — replica a cómoda D. Maria, com delicados embutidos de flores e nobres ferragens — Com o Cinema Trindade ali mesmo de frente e sem nenhum apetite de ir lá ver a Dany Robin ou a já proverbial Lolobrigida!... — Tens razão — concorda o bar doirado, com gobelins nas portas e lá dentro a expectativa do whisky, dos licores, do bitter, do champagne e sobretudo do velho Porto apreciado em todo o mundo... e cá dentro também: — Pois eu às vezes fico enervado de estar sempre aqui parado.

— Sim... os móveis também têm alma... — sonha alto a penteadeira Luis XV — Vocês julgam que me esqueci de todos os membros da família onde vivi há dois séculos? — Ora... ora! Que são dois séculos para quem, como eu, vem da era dos Ming? — diz um jarrão chinês com dragões a oiro. Há um silêncio. Mas um espelho inglês, com aplicações metálicas logo o rompe: — Também eu tenho séculos atrás de mim e, no entanto, olho que não detesto aquela mezinha de vidro com cristal, nem o tapete futurista... — A' falta de um persa... — diz o blombo de laca vermelha, que é bastante snob? — O antigo tem sempre outro valor.

— Acha? Então como é que consegue meter uma barriguda cómoda D. João V e uma cama de bilros num apartamento moderno? — pergunta o divan-cama-biblioteca-bar-espelho-armário-discoteca - etc... A discussão era para se prolongar e tornar mais acesa, mas... na moldura de Veneza apareceram os primeiros clarões da madrugada. — Bom dia... bom dia... — disseram os lustres de cristal... — Toca a dormir agora. Amanhã, quando tudo estiver silencioso, continuaremos. Boa noite... boa noite...

ma coisa de bom, de útil. As palavras protocolares, quero crer, serão desta vez realçadas por obras. Se o Presidente da governança turística traz consigo uma promessa, os seus companheiros não são valores mortos. Confiemos, pois, dando tempo ao tempo.

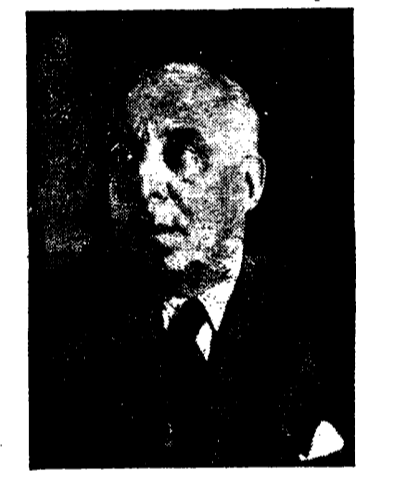
Fiz-me de longada à Costa. Fui ver os azulejos, que são um documentário iconográfico da existência, no antigo Mosteiro, dos frades Jeronimistas, de um colégio — que foi uma Universidade.

A. L. DE CARVALHO.

Continua na 5.ª página

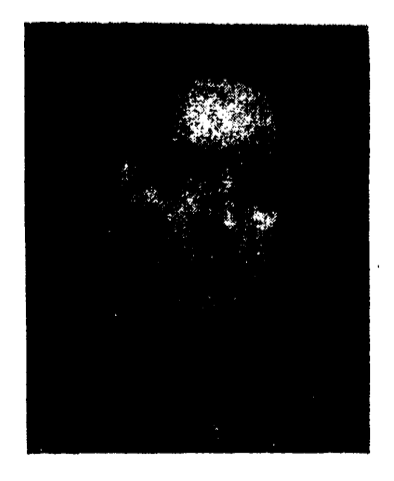
## MUSEU ALBERTO SAMPAIO

Deixou agora a direcção do Museu Regional Alberto Sampaio, de que foi fundador e que dedicada e competentemente serviu durante mais de um quarto de século, até que, por imperativo da lei, em virtude de ter atingido o limite de idade, foi obrigado a abandonar, o nosso ilustre con-



Alfredo Guimarães  
antigo Director do Museu Alberto Sampaio

terrâneo e distinto escritor sr. Alfredo Guimarães, que bem assinalados serviços prestou, no campo artístico e histórico, ao concelho de Guimarães e ao país. Homenageado há tempos, merecidamente, pelo Município Vimaranense e pelos admiradores do seu talento, Alfredo Guimarães vai descansar agora, e justamente, das inúmeras fadigas que lhe custou o desempenho daquele cargo, no qual soube rebelar os seus muitos conhecimentos no vasto campo da cultura e da arte, prestigiando-se e prestigiando a sua e nossa Terra. Em sua substituição assumiu as funções de directora do refe-



Dr.ª D. Maria Emília dos Santos e Silva Amaral Teixeira  
licenciada em Ciências Filológicas e actual Directora do Museu Alberto Sampaio

rido Museu Regional, a sr.ª dr.ª D. Maria Emília dos Santos e Silva Amaral Teixeira, que teve a gentileza de vir à nossa redacção em visita de cumprimentos, o que nos apraz registar com muito reconhecimento. A' ilustre directora do Museu Alberto Sampaio desejamos as maiores prosperidades no desempenho daquele cargo, onde vai por certo prosseguir a obra de Alfredo Guimarães. A este ilustre conterrâneo e amigo desejamos também a continuação de suas prosperidades pessoais.

## S. Roque e a sua «túnica»

### Um Sermão

Pelo P. Manuel Matos.

Um passeio, a pé, em dia de sol, mesmo outónico, até junto da Capelinha de S. Roque, sita no monte do mesmo nome, na freguesia da Costa, proporciona, a quem o der, a maravilhosa visão dum panorama variado e grandioso. Cá em baixo, estendendo-se como roupa ao sol, o casario policromático da velha urbe do Herói de Ourique. Sobem até ao monte os sons melancólicos dos sinos do templo do Senhor dos Passos, postado no sopé. E de S. Pedro e S. Francisco, das Dominicanas e da Oliveira, sobe, também, ora festivo, ora lúgubre, o timbre dos seus campanários. Tudo se repercute, espécie de homenagem, no Monte de S. Roque, emprestando-lhe uma ambiência de sonho na nostalgia do crepúsculo dum dia de sol outónico.

o admitissem no Hospital, ao cuidado dos enfermos. Deus abençoou tão heróico sacrifício e fez da sua presença a cura da epidemia. Cesena e Placência, empestadas também, usufruíram igualmente as doçuras da sua intercessão que sempre delibela e vencia os terríveis efeitos da peste. Em obediência a uma voz que o mandou recolher a Montpellier, onde daria novas provas de paciência, e de santidade, veio a falecer na prisão, onde havia sido encarcerado por maligna suspeita, no dia 16 de Agosto de 1327. Tendo aparecido morto na cela, misteriosamente iluminada, encontrou-se ao lado uma tableta onde se liam estas palavras: «Os que, tocados da peste, invocarem a meu servo Roque, serão livres por sua intercessão, desta cruel enfermidade». Tudo isto correu mundo e em toda a Europa cristã se levantaram igrejas, ermidas e altares em honra do milagroso santo. Assim aconteceu em recuados tempos da Meia Idade num monte da Costa onde se encontra uma

A Capela de S. Roque... O Monte de S. Roque...

E' uma velha e piedosa história que importa recordar para inspirar mais carinho e amor para com o milagroso santo e sua «túnica» — o seu rocio.

E' S. Roque muito célebre em toda a Europa cristã, por sua grande santidade e por sua poderosa intercessão contra os açóites da peste. Nascido em Montpellier no ano de 1284, provinha duma família distinta do Languedoc. Seu pai era o governador daquela cidade, por nomeação dos reis de Maiorca. Filho único, ficou órfão de pai e mãe, aos 20 anos de idade. Tendo decidido vender o seu opulento património, para fugir da sua Pátria e tomar o caminho de Roma, assim fez, distribuindo-o pelos pobres. Romeiro medieval, lá vai mendigando esmola. Entrado na Toscana, soube que grassava terrível peste na cidade de Agupendente. Movido do ardente desejo de ser útil aos empestados, solicitou que

## GAZETILHA

### Obras a fio...

- Fala-se al novamente Em coisas que há muitos anos São o querer mais ardente De toda esta boa gente — Muitas coisas que ansiamos.
- Um Estádio no porvir Cremos não ser ilusdo Pois há-de coincidir Com o Vitoria a subir A' primeira divisão.
- Vamos ter um Regimento — Louvores a quem o traz — Que há-de surgir no momento Em que no mundo em tormento Se consolidar a paz.
- Se esses ditos não são lérias Que se passam ao papel, Vamos ter novas artérias E nas previsões mais sérias A construção dum quartel.
- Outra obra entre as demais Vimaranenses anseiam Que ficarão nos anais: — A Caixa dos cabedais Que dia-a-dia escasseiam...
- Um Liceu novo virá Com os 6.º e 7.º anos Garantir que se fará A obra que acabará Com os fatais desenganos.
- Eis uma grande esperança — As obras serão a fio... E se falhar a bonança Que apareça a militança Que nos faz perder o pio...

## O NATAL DOS NOSSOS POBRES

Transporte . . . . .	2.220\$00
Comendador Albano de Sousa Guise, do Rio de Janeiro . . . . .	1.000\$00
Bráulio Peixoto de Sousa (Vila Pery) . . . . .	100\$00
Francisco Correia Lopes P.ª José Ferreira Leite . . . . .	100\$00
D. Deolinda Pereira dos Santos . . . . .	100\$00
Anónimo . . . . .	50\$00
António José da Costa . . . . .	20\$00
Tenente-Coronel Francisco Martins Ferreira . . . . .	20\$00
João Pedro de Oliveira . . . . .	40\$00
P.ª Gaspar Nunes . . . . .	20\$00
Tenente Alberto Carvalho Melo . . . . .	20\$00
Anónimo (Pevidém) . . . . .	20\$00
Um vimaranense, para 5 viúvas, sufragando a alma de I. M. G. . . . .	100\$00
Manuel José da Costa Guimarães (Aveiro) . . . . .	20\$00
Anónimo (Paços de Ferreira) . . . . .	50\$00
Paulino de Magalhães . . . . .	20\$00
Inácio Ferreira da Costa . . . . .	50\$00
Anónimo . . . . .	100\$00
Pedro da Silva Freitas . . . . .	40\$00
Dr. Fernando Matos Chaves . . . . .	20\$00
José Carvalho Melo . . . . .	20\$00
Manuel da Cunha Machado . . . . .	20\$00
Braga & Carvalho . . . . .	20\$00
Café Milenário . . . . .	20\$00
Alberto José Fernandes . . . . .	20\$00
Anónimo . . . . .	50\$00
Dr. Manuel Jesus de Sousa . . . . .	20\$00
Dr. Joaquim de Oliveira Torres . . . . .	20\$00
Antero Pereira da Silva . . . . .	20\$00
D. Filomena de Jesus Capela . . . . .	20\$00
Manuel Fernandes Carneiro . . . . .	20\$00
D. Antónia dos Anjos da Costa Faria, por alma do sr. Avelino Faria Guimarães . . . . .	20\$00
Dr. Alvaro Carvalho . . . . .	50\$00
Coronel Mário Cardoso . . . . .	20\$00
Dr. C. Gomes dos Santos Eng.ª J. Montenegro . . . . .	20\$00
Dr. José Maria de Castro Ferreira . . . . .	20\$00
José Neves Correia Gomes . . . . .	20\$00
Anónimo . . . . .	200\$00
João A. Silva Guimarães . . . . .	20\$00
Manuel Oliveira Cosme . . . . .	20\$00
E. A. . . . .	20\$00
A. Garibaldi (Felgueiras) . . . . .	50\$00
Dr. Augusto Rego (Braga) . . . . .	50\$00
Manuel Lopes (Porto) . . . . .	20\$00
Ernesto Rocha (Espinho) . . . . .	20\$00
Anónimo, sufragando a alma de seus entes queridos . . . . .	150\$00
D. Maria da Luz Neves Ribeiro Soares . . . . .	20\$00
A transportar . . . . .	5.050\$00

C. T.

# Na agonia e morte do Burguês

Por EDUARDO D'ALMEIDA

Ora para que tal conceito não seja grifado como matiz «espantoso» do que a estremeira das abjeições sociais de que pretende o purificado resgate, logo vem o autor, Alvaro de Azevedo, acrescentar na sua carta ao Visconde da Cruz: «Se estes bens fossem comuns, todos eramos felizes. Nós antes queremos ser todos ricos...» Aquele, a utopia abstracta, mas este, sim, é a realidade concreta. Que se consubstanciou no burguês. Desde, na arte literária, *Le Roman Bourgeois*, editado em 1666, de *Furetière* — advogado e companheiro na boémia literária pelos restaurantes e cafés parisienses de *Boileau*, *Molière* (em cujas peças se movem alguns autênticos burgueses em corpo e alma), *Racine* e *La Fontaine* — frio exercício realista de análise da aparência sem a intimidade psicológica, mas novidade pelo efeito reactivo contra a literatura de fantasiado espírito aristocrático. Já antes, pois, da efectiva dominância política e social da burguesia com a revolução de 1793 — em *L'Homme Révolté*, livro sintomático da psicose actual, *Albert Camus* recorda os esforços oratórios do famoso *Saint-Just* para não subtrair à lógica dos «juristas-burgueses», sem a confiar «às paixões espontâneas e às compaixões do povo», a sentença de Luís XVI (que tentara por temperamento natural, aliás, aburguesar-se, sobretudo em confronto com os dois Luíses antecedentes), sentença que acima da morte do homem, transitório, nela visava a extinção punitiva da realeza, considerada de instituição divina. E vindo então a dominar, nas literaturas europeias (mesmo as do norte, como em *Hauptmann: o das Almas Solitárias*, em *Björnson*: por exemplo em *O Jornalista*, no teatro de *Schnitzler*, e na metafísica Alemanha, cujo aviltamento literário *Heine* atribue à influência da burguesia), em temas de romances e teatro, depois ainda em ensaios económicos e filosóficos, conferências elegantes e polémicas furibundas, o primeiro plano, em todo o século XIX e primeiras décadas do nosso. É certo que o reinado da burguesia não começara com a «morte do rei» na revolução francesa: em 1948, nos Encontros Internacionais de Génova — nos debates sobre a Arte Contemporânea —, em que *Charles Mogan* acentuou que o artista não perdera só o contacto com a sociedade, mas também com a inspiração profunda e precisava de reencontrar o sentimento «d'écouter ses voix», ouvir dentro em si a sua própria voz, o congressista *Bob Claessens*, retrai-o, na Holanda, aos princípios do século XVII, (ponto de vista confirmado por *Sadi de Gortar* na síntese da *História de um Povo*) «em que já aparecem artistas insatisfeitos» (como *Franz Hals*, *Rembrandt*, *Ruydaël*, *Wermer...*), «como hoje em que o sentimento revolucionário se radica no coração das massas, incluindo a própria burguesia...» Inclusão arriscada, ou ilusória. Já então, 1948, a burguesia, a mediana burguesia autêntica, se extinguiu, ou desvirtuara, embora, antes, mesmo à morte condenada. Pelas teorias de *Marx*? Mas... «o messianismo científico de *Max* é de origem burguesa» — escrevera aquele mesmo *Camus* no homem revoltado, e melhor se apura da revisão do marxismo, já revisto por *Lenine*, (que apreciara a sociologia corrente uma espécie de moral camuflada ou, na opinião de outro crítico húngaro, «uma disciplina característica da decadência burguesa») pelo hiperempirismo de *Gurvitch*.

Ora certo é que o mesmo conceito camiliano da felicidade burguesa o vemos desenrolar-se, coerente e pertinaz — uma constante, como usa dizer-se agora em pragmática de estilo —, nesse longo trajecto de anos e séculos. Como uma personagem do *Camilo*, retrazido à cena de nossos dias, ouvimos o discorrer de *Kálmán Szebeny*, em *Anna Kádar*, de *Michály-Földi*: «A base, a força motriz, a alma desta vida é o dinheiro e é o êxito. Quinhentos milhões de homens correm afanosos atrás do dinheiro. Fazer dinheiro, dinheiro... Por todos os meios: com o sangue, com a fé, com o pensamento, com o trabalho, com os músculos, com a beleza... Para quê?... Hoje está morrendo um mundo e nós estamos condenados a morrer com ele. Não temos a coragem de lutar pela conservação do velho mundo, em que não acreditamos já, e não a temos para lutar por um novo, por que somos fracos e não temos fé.»

(Continua).

## S. Roque e a sua «túnica»

### UM SERMÃO

Continuação da 1.ª página

capelinha humilde, erigida sob a sua invocação.

É uma ermida simples, voltada ao poente, donde se vê o velho burgo vimaranense.

Primitivamente confiada ao zelo e aos cuidados dos religiosos de Santa Marinha da Costa, assistiu, no desenrolar dos séculos, às tempestades políticas e religiosas da Nação.

Firme no seu posto, como o castelo roqueiro de Mumadona, dali S. Roque velava pela cidade que crescia aos seus pés e sob os seus olhos.

Fala-nos Frei Luís de Sousa numa epidemia havida em tempos de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, em 1569, e documentos antigos registam outra havida trinta anos mais tarde.

Sabemos que muitas das vítimas foram sepultadas junto da ermida do Santo.

Entre essas vítimas estão os pais do P.º Francisco Ferreira, o venerando fundador do eremitério do Bom Jesus do Calvário, que não resistiu à inclemência do tempo, ruindo todo o seu passado religioso, e fora construído ao seu pé.

Ficou a Capelinha de S. Roque, a quem os devotos do Santo tanto querem como seu padroeiro desvelado e amigo.

Por ali vêm passando gerações devotas, acolhendo-se à sua protecção em horas de tormenta.

Por ali se ouve a voz do passado, voz da crença e da fé.

S. Roque, na sua capelinha humilde, parece dizer em prego celeste:

«Que importa ao homem ganhar o mundo inteiro...»

É um eco da voz do deserto. Mas do bulfício do mundo parece solear-se uma voz, dizendo:

«Importa satisfazer a cobiça do coração humano.»

E o Santo responde: «Sim, o mundo é de quem mais apanha...»

E tímido, receoso, encolhe a sua «túnica» velhinha, já tão rapada...

«Respeitem as nossas cinzas...»

Falam os mortos.

«Deixem-nos ir até ao pé do Santinho...»

Falam os que nele têm fé.

E o Santo olha o recinto por onde as gerações do passado se espalhavam a implorar a sua protecção contra a peste... e diz, confrangido e desolado:

«Bemaventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos Céus...»

Bemaventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus...»

Bemaventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados...»

## TOMARAM POSSE

os novos Presidente e Vogais da Junta de Turismo e inaugurou-se um melhoramento local

(Continuação da 1.ª página)

vimaranense, pelo seu profundo exemplo, e pela sua vida, com sacrificios, ao serviço de Guimarães. O sr. Dr. Castro Ferreira recordou, a propósito, a acção do sr. Dr. Carlos Saraiva na Câmara,



Manuel Soares Moreira Guimarães secretário da Junta de Turismo

quando vereador da Cultura; na Comissão Municipal de Assistência e nas Oficinas de S. José, a cuja Comissão Administrativa presidiu alguns anos, e prosseguiu:

O sr. Dr. Carlos Saraiva herda um nome que todos os vimaranenses respeitam, porque não esquecer os inestimáveis serviços prestados a Guimarães por seu Pai.

Entendo que a escolha não podia ser melhor, e se com desgosto o vi afastar-se de outras actividades da nossa Terra, foi com grande satisfação que o vi aceder ao convite que lhe dirigi para ocupar este lugar, onde a sua presença é muito necessária, porque será profícua, se todos compreendermos a nossa posição de vimaranenses.

No posto a que foi chamado para continuar a servir Guimarães, V. Ex.ª a servirá de forma a que mereça o nosso reconhecimento.

A obra a empreender será de continuidade.

Por este posto têm passado vimaranenses do melhor quilate. Sem desprimor para ninguém, permitam que lembre o nome dum



Dr. Francisco de Carvalho Ribeiro vogal da Junta de Turismo

homem que se deu totalmente a Guimarães. Foi o sr. António Lima: Na Câmara, na Comissão das Festas Gualterianas, no Turismo, na Irmandade dos Santos Passos, deixou marcada a sua passagem como o de uma pessoa cheia de vontade de trabalhar para que Guimarães ocupasse sempre o lugar que lhe competia.

Infelizmente a saúde do Professor José de Pina não lhe permitiu continuar no lugar de Presidente da Junta de Turismo, lugar que sempre honrou com dedicação e competência.

Aqui lhe deixo o testemunho de apreço em que todos nós sempre tivemos a sua vontade de servir os interesses de Guimarães, pois não podemos esquecer a maneira como encarou os destinos da nossa Terra, a quem se dedicou com verdadeiro amor bairrista.

Ao lado de José de Pina, devo lembrar o nome de Manuel Soares Moreira Guimarães, temperamento de artista, a quem se deve o primoroso arranjo desta nova Sede.

Na verdade, Manuel Moreira, tem prestado ao Turismo e a Guimarães os melhores serviços, pois

É assim o sermão de S. Roque... E que lindo ele é...

Ouvi-lo com atenção, é uma bênção do Céu.

Respeitar o que resta da «túnica» de S. Roque, é um dever religioso, o contrário, é um sacrilégio. E a cobiça é um feio pecado.

tem-lhe dado o melhor da sua inteligência, da sua boa vontade e do seu trabalho. Estas palavras significam a consideração em que tenho a sua acção a favor da nossa cidade. Posso afirmar a V. Ex.ª que o sr. Manuel Moreira será, mais uma vez, neste sector, como em tantos outros, um precioso colaborador, e um valioso auxiliar.

A nova Junta de Turismo dirijo pessoalmente e em nome da Câmara Municipal, as minhas saudações, desejando-lhes as maiores facilidades no cumprimento da missão que agora lhes é confiada.

Podem contar com a Câmara, como ela conta com a ajuda de V. Ex.ª, para assim fazermos obra aproveitável em benefício de Guimarães.

E só essa obra nos interessa e preocupa, pois é a razão única da nossa permanência nestes lugares, cuja compensação será apenas a do dever cumprido.

Ex.ª Sr. Senhor Presidente da Junta de Turismo:

Continue V. Ex.ª a servir Guimarães como o tem feito: elevadamente, com apuro e com inteligência, e a nossa terra saberá agrar-



Fernando da Costa Setas vogal da Junta de Turismo

decer-lhe os seus serviços desinteressados.

Tenho dito.

### Palavras do dr. Carlos Saraiva

Seguidamente o sr. dr. Carlos Saraiva pronunciou o seguinte discurso:

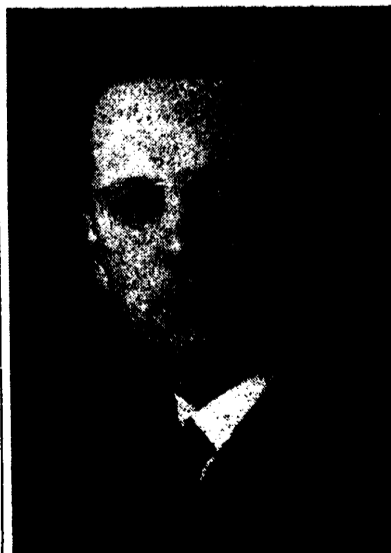
Ex.ª Sr. Senhor Presidente do Município e meus senhores:

Sou hoje investido nas funções de Presidente da Comissão de Turismo.

Bem penoso é, para mim, ter de ocupar este cargo, onde o meu prezado amigo e antigo professor José de Pina permaneceu largo tempo, por força dos seus méritos pessoais. Admiro-o e estimo-o desde os bancos do Liceu desta cidade.

Alí me habituei aos seus conselhos paternais e aos seus ensinamentos de verdadeiro Mestre.

E uns e outros — conselhos e ensinamentos — recordo-me bem, dava-os sempre com carácter bondoso e familiar — que mais vincadamente havia de impor a sua personalidade inconfundível à veneração das inúmeras gerações, que passaram por esse prestigioso Es-



Francisco Ribeiro Pinto vogal da Junta de Turismo

talecimento de Ensino, que sempre fora o Liceu de Guimarães.

Retira-se por razões sérias. A sua saúde não lhe permitia continuar a desempenhar estas funções com a dedicação e zelo que sempre demonstrara.

É pena, pois homens da sua envergadura fazem falta a Guimarães, numa hora em que rareiam, cada vez mais, as pessoas resolutas a sacrificarem-se pela Causa Pública.

É frequente ouvir-se dizer que Guimarães não tem gente.

Até certo ponto, é verdadeira esta afirmação.

Mas o que falta, é vontade de trabalhar, é vontade de utilidade, desinteressada e abnegada, em prol do Comum.

Eu bem sei que as inclinações e propósitos de hoje são bem diferentes de outrora. E por isso mesmo, bem poucos são, hoje, os que se preocupam e cuidam do Interesse Público.

A falta de José de Pina há-de sentir-se e bem amargamente em todos os sectores onde colaborou toda a sua vida, pois repartiu-se por todos os centros representativos da nossa actividade polimórfica.

Para isso, reunia um conjunto de qualidades raras nos tempos que passam: inteligência, apuro, dedicação e espírito de sacrifício, a par duma disposição ingénita para as coisas de Arte.

Pertence a uma família em que a habilidade e o gosto pelo desenho se transmitiu como que por hereditariedade.

Guimarães deve-lhe imenso. Deve-lhe muitas horas de euforia bairrista e muitos momentos de verdadeiro triunfo.

Mas, para além da trajectória que cada um deixa vinculada — e esta é daquelas que o tempo não dilui — há o caminho do futuro.

E ele bem o compreendeu, quando viu que as suas forças eram incompatíveis com os esforços que teria de empregar.

E eis a razão de me encontrar aqui, na missão difícil de substituí-lo.

Substituí-lo... bem entendido, só na categoria do cargo, pois no espírito de servir, no gosto artístico e no amor às coisas da nossa terra, é verdadeiramente insubstituível.

Aceitei vir para esse lugar por entender que não assiste a ninguém o direito de escusa, quando se trata de prestar um serviço à nossa terra. Ela bem precisa de todos nós.

Só por isso, para aqui vim, trazido por convite amável de dois amigos queridos: do Dr. Castro Ferreira, ilustre Presidente do Município e do Manuel Soares Moreira Guimarães — este já com obra de assinalado carinho e inteligência a favor da Penha, na Comissão de Turismo transacta.

Faltam-me qualidades para este lugar. Sobeja, em mim, apenas, o amor que tenho a esta bela cidade e, dum modo particular, a esse belo pedaço da terra vimaranense.

Tão belo e tão grandioso que nacionais e estrangeiros não se cansam de lhe tecer um hino de louvor.

É o seu horizonte vastíssimo, a tocar no Céu, pela cumiada longínqua dos montes e a alargar-se até à orla prateada do mar, para os lados de Espozende, nas tardes amenas, soalheiras e límpidas; é a sua configuração altaneira, a sua estrutura monolítica, os seus recantos de poesia, a bica de água cantando na taça de granito, os seus miradouros tentadores, as ombra acolhedora, o seu arvoredo, o silêncio que tudo rodeia, as suas grutas, as suas capelas, os seus santos, as suas peregrinações votivas — tudo ali nos prende e seduz por nos falar ao coração e aos olhos.

E para nos falar ao coração e aos olhos só a voz de Deus no esplendor dos templos ou no maravilhoso quadro que se desprende da própria Natureza que é sua Criação.

Tudo ali é grande e belo, desde o horizonte que os olhos não abrangem ao pedaço de terra que não nos cansamos de pisar; desde o sossego que nos acompanha à sombra que nos protege; desde a arte que a Natureza prodigamente criou aquela que o homem afeiçoou com a sua habilidade e talento.

Tudo ali é grande e belo, ou não fosse moldado pelas mãos sublimes do Criador!

Razões suficientes para eu adorar essa Montanha, se por lá não sentisse, a falar-me ao coração, restos de meu passado disperso.

Um dia, meu pai, numa visão acertada do futuro, abriu a estrada que da Penha se dirige à Lapinha.

E havia de ser, no altar-mor da sua capelinha silenciosa e humilde, que, anos depois, em certa manhã quente de Junho e sob o olhar protector da Virgem da Lapinha, que novo rumo se iniciaria para a minha vida familiar!...

Conheço os problemas que se torna necessário resolver para a Penha ser uma grande Estância de Turismo.

Além do aproveitamento constante e sistemático de todas as suas belezas — e todos os dias e por toda a parte surgem motivos de encanto que se devem desvendar aos olhos do visitante —, impõe-se o arranjo do largo fronteiro ao antigo Hotel, para que desapareçam as nuvens de poeira que se levantam à passagem dos carros; alargamento das duas estradas de acessos, insuficientes para o largo tráfego que, no verão, as percorre; a construção dum bar ou salão de chá em boas condições de aparência e comodidade, dentro da feição característica do local; melhoria de transporte para que todos ali possam afluír; solução do problema hoteleiro, embora haja duas pensões, mas que não satisfazem as

## FESTAS NICOLINAS

As Festas Nicolinas, que terminaram no dia 6 com o gracioso cortejo das *Maçãs*, estiveram muito animadas, tendo sido revestidas, este ano, de brilhantismo superior ao dos últimos anos.

No domingo, e com grande concorrência de público, realizaram-se as *Posses* e o *Magusto*, abrihantando estes números uma banda de música. Na segunda-feira saiu, a meio da tarde, o cortejo do *Pregado*, que percorreu as ruas da cidade, sempre acompanhado pelo tradicional grupo de *Zés-P'reiras* e por muito povo.

O Bando Escolástico, da autoria do distinto Poeta e velho Nicolino Torcato Mendes Simões, foi declamado em vários pontos da cidade pelo quintanista Jaime Sampaio.

Muito agradável, pelo seu sabor nicolino, de crítica a vários acontecimentos cívicos, o belo trabalho de Mendes Simões, que mais uma vez pôs à prova as suas altas qualidades poéticas.

No cortejo das *Maçãs*, no dia 6, tomaram parte muitos académicos, a cavalo e de bicicleta, uns, e em carros vistosamente decorados, outros, formando tudo um conjunto muito interessante e que despertou muito interesse.

Está, pois, de parabéns a Comissão promotora das Festas e bem assim toda a briosa academia.

## ROMARIAS

Com um esplêndido dia de sol, realizou-se na quinta-feira a tradicional romaria da Senhora da Conceição, nos subúrbios da cidade, tendo sido grande a afluência de pessoas ao local, onde houve arraial durante o dia. Na histórica capelinha tiveram lugar, com muito esplendor, os anunciados actos religiosos em honra da Padroeira.

Depois de amanhã, dia 13, realiza-se a antiquíssima romaria de Santa Luzia, junto da capelinha onde se venera a imagem da gloriosa Mártir, que estará durante todo o dia exposta à veneração dos fiéis. Na capelinha haverá missa cantada, às 8 horas, em honra de Santa Luzia.

## Novo Chefe da P. S. P.

Tomou posse do Comando da Esquadra Policial desta cidade, no pretérito dia 1, o Chefe sr. Assis Ribeiro da Silva Leal, a quem desejamos muitas prosperidades.

exigências dum turismo moderno; campos de ténis, patinagem e tiro e instalações, se possível for, duma Colónia de Férias para os filiados da F. N. A. T..

Se me perguntassem qual desses problemas mereceria prioridade, eu diria que, só pela solução simultânea de todos, víramos a Penha com a categoria dum grande centro de Turismo.

Ex.ª Sr. Senhor Presidente da Câmara:

Quis V. Ex.ª ter a amabilidade de, pessoalmente, me conferir esta posse. Agradeço-lhe essa gentileza e bem assim a confiança que em mim depositou.

Para além de tudo, o favor das palavras imerecidas que me dirigiu. Elas são filhas duma amizade quase tão velha como os anos que, implacavelmente, por sobre os nossos cabelos passaram.

Em nome dessa amizade e por saber a devoção que V. Ex.ª sente por tudo o que diz respeito ao progresso de Guimarães, eu conto absolutamente com o Município para a obra que for possível realizar-se.

Aos meus colegas, ofereço a minha lealdade e a minha dedicação.

A todas as colectividades e pessoas presentes, agradeço o sacrifício que fizeram em vir aqui — o que marca bem o grau de interesse por esse agradável recanto espiritual de Guimarães.

A Imprensa — esse utilíssimo instrumento de progresso dos povos — aqui largamente representada por pessoas da minha melhor estima — agradeço a sua presença e também a generosidade com que acolheram a minha nomeação.

Jamais poderei esquecer as palavras que me dirigiram.

Até A. L. de Carvalho — esse belo espírito de lutador pelo progresso de Guimarães, jornalista fecundo e apreciado Homem de Letras — me distinguiu com expressões de estímulo.

A todos, os meus agradecimentos, nesta hora em que, como vimaranense, só desejo a realização de tudo o que concorra para o progresso da nossa terra.

Unamo-nos, por isso, para as grandes tarefas do futuro.

Só assim Guimarães verá satisfeitas as suas aspirações.

É neste sector — o do Turismo — «política tão vasta, que vai do nacional ao internacional», como por tempos escreveu A. L. de Carvalho, a nossa terra, pelo esforço de todos, há-de ocupar o lugar que justamente lhe compete dentro do Turismo Nacional.

São estas os meus votos.

Carta a uma Senhora

VINHA VINDIMADA...

AVÉ IZILDINHA—O ANJO DO SENHOR!

Crônicas para maiores de 50 anos

Minha Senhora :  
A cada passo a Imprensa local se refere a «Coisas que não estão certas», citando factos e fazendo os comentários a que os mesmos dão lugar. No entanto, salvo num ou noutro caso, a verdade é que por maiores e mais pesadas que sejam as *marteladas*, o ferro continua frio, por que lhe falta o calor das providências que as mesmas requerem. Porém, como mais vale tarde do que nunca, aguardemos que desapareçam deste meio certas ridicularias que se transformam em apreciações desagradáveis e contra as quais não existem argumentos que as possam desfazer.

Já os morenos ceifeiros recolheram nos celeiros os loiros frutos da terra: — e farto o seu coração, nas arcas cheias de pão, outro amor neles se encerra...  
... Um frémito de alegria abraça a tela macia da paisagem outoniça: — morre a noite, lassamente, e no alvor do nascente doce aurora se espreguiça...  
Na manhã que se avizinha, escorre, por entre a vinha, a voz do vindimador; — e no dossel das parreiras espreitam, às-cavaleiras, cachos de azulina cor:

E deram bago, os báculos, alvos como os teus cabelos, para a vinha enfeiticar: — que esses teus cabelos brancos, no azul duns olhos francos, sabem a céu, e a luar!...

Pela várzea luminosa se desfolha a grande rosa do sol, que a todos abraça: — e que nos cestos vindimos quedou a brincar, em mimos, cheios de encanto e de graça...

E vai desmaiando a tarde, e já nas lareiras arde meigo lume de esperanças: — cresce o fumo dos casais, e para além, nos pombais, recolhem as asas mansas...

No bradar do «vai-e-torna», lá passou mais uma dorna, o morno lagar buscando: — e p'la sombra dos caminhos vai alegrando, os boizinhos do carro o cântico brando...

... Pelos campos e arribadas já as vinhas, vindimadas, enrubescem no sol-posto: — e nos sombrios lagares, onde floriram cantares, baila agora o cheiro a mosto...

E as videirinhas, viúvas do alacre sorrir das uvas, choram rezas de amargura: — que as mercês, em si criadas, lá se foram emigradas, para a graça ou desventura!...

Também, neste meu Outono, vou sofrendo o abandono de afectos que em mim brotaram: — de sonhos, que não sonhei, dos que amara, e não amei, e que nunca mais voltaram!...

X-1955.

SALVADOR DANTAS.

PARA TUDO SE QUER SORTE...

Diz o nosso povo e ninguém como ele, num sabor de tradição, faz axioma dos flagelos que o sacodem nas ânsias da vida.

Em verdade, também nós podemos afirmar que a sorte é, por vezes, a solução de muitos problemas que nos afligem.

A desdita pertence àqueles que não sentem o calor dum raio de luz que venha em seu socorro, para os acalentar, no amargo desespero em que vivem.

Anos após anos a Rua da Madroa, antiga da Alegria e da Liberdade, vive triste, agrihoadada em abandono sertanejo.

E o povo canta:  
O'l qu'rida rua da Madroa,  
Caminho da nobre Cidade.  
Em teu triste coração soa  
Um grito de infelicidade!

De tantas vezes ser inscrita nos Orçamentos Camarários quase se considera verdadeira perpétua.

Os anos passam e continua a manter-se, no verão, nevoenta de pó e, no inverno, charquenta com lamaçais.

Passam lá tantos e tantos, mas não moram lá...  
E' um autêntico tapete esburacado pelo tempo.

Esperanças nos ficam pois pode ser que a aragem vire de Norte para Sudoeste e nos bafeje também.

Eu sei que as preocupações e os males são muitos e que, infelizmente, os medicamentos não abundam. Mas os males vão-se curando e nós esperamos pela nossa vez que julgamos ser breve, pois somos doentes antigos, de fácil

A COMPREENSÃO DO BEM E DO MAL

Por OLAVO LEITE

Se os homens reconhecessem que são feitos à imagem e semelhança do Criador, no que diz respeito aos seus dotes morais, espirituais e intelectuais, jamais deixariam de orientar os seus actos e acções, exclusivamente no sentido da prática do bem, tanto pessoal como geral.

Entretanto por absoluto desconhecimento, de nervos e completa ausência de domínio próprio, passamos da perfeição com que fomos lançados ao mundo, para a imperfeição tramada pelo egoísmo, pela ganância, pelo ódio, pelo espírito de vingança, pela inveja, pela perversão moral, deixando-nos arrastar sob a influência maléfica de irremediáveis complexos e taras abomináveis.

Possuindo o dom latente do discernimento, o que vale dizer da compreensão do que seja o Mal e do que seja o Bem, não se compreende como nos é possível resvalar, impulsionados ao efeito de tendências misteriosas, por vias escorregadias, as mais das vezes diametralmente opostas àqueles caminhos indicados pelos nossos íntimos propósitos.

Felizmente os que se desvirtuam conscientemente ou inconscientemente, são em número diminuto, ante a maioria dos que se norteiam pela bússola dos nobres sentimentos, dentre os quais, evidentemente, se destacam a caridade e o espírito de solidariedade humana.

Não fora essa manifestação de luz interior que nos orienta pela estrada da vida, e jamais seria possível o progresso da Humanidade, tão destacado nos dias de hoje, evidenciado na obra extraordinariamente poliforme que as gerações concretizam através séculos e prosseguirão, ininterruptamente no futuro, em marcha constante para a perfeição.

E porque essa claridade é difusa e perene, o homem também possui a fé nos seus próprios destinos, porque crê no sobrenatural, e confia em Deus e naqueles que já atingiram a perfeição da alma, de-



pois do longo peregrinar pela estrada cada vez mais iluminada que os conduziu ao Paraíso Celeste, onde também se encontra o espírito esclarecido de Izildinha, O Anjo do Senhor.

Desde que tenhamos a compreensão do Bem e do Mal, pois, tornar-nos-emos inimigos da nossa própria personalidade humana, perseverando na prática de actos que não condizem com os sentimentos mas são ditados pela nossa consciência.

Sejamos bons, porque a bondade é um refrigério para os nossos tormentos, e nos traz a felicidade indizível de podermos, como Deus, amparar ou minorar o sofrimento de alguém, tal qual sempre foi prática natural de Izildinha, hoje, anjo tutelar de todos os que nela depositam confiança e fé.

E, justamente, para que não baqueemos diante das nossas aflições, além da força psíquica do discernimento, constantemente estão a emanar do seio do Criador os mais claros exemplos de como devemos proceder, para nosso próprio bem-estar e aprimoramento da obra mais perfeita: — o homem.

GRAÇAS

Maria da Graça Alves, residente na Rua Estrada do Carrão, 2000, S. Paulo, agradece a graça da cura de seu marido que sofria de diabetes e a medicina já havia desenganado. — Alzira Henrique, residente na Rua Opala, 58, S. Paulo, recebeu a cura de sua filha que havia queimado o rosto e o braço sem deixar cicatrizes. — João Evangelista Gardi, residente na Rua Eulina, 316, S. Paulo, sofria do estômago há mais de 5 anos e com seu pedido à Izildinha está completamente curado. — Carmen Dias, residente na Estrada das Boiadas, 254, S. Paulo, recebeu a cura de sua filha que estava com negrite. — Porfíria Augusta, residente na Rua Santiago, 66, S. Paulo, foi favorecida por Izildinha na cura de sua filha que sofreu paralisia. — Elídia Vaz Alabe obteve a graça da cura de sua filha que sofria de hénria, livrando-se da operação. — Denise Leal, residente na Rua Caiapó, 85, S. Paulo, que sarou de um tumor na vista, sem operação. — Antônia Bruno, residente na Rua Apiai, 75, S. Paulo, após seu pedido à Izildinha, obteve a cura de reumatismo que sofria há mais de um ano. — Gilda Abdden, residente na Rua Siqueira Bueno, 1102, S. Paulo, recebeu a graça da cura de seu sobrinho que estava com úlcera na garganta. — Maria Conceição Nascimento, residente na Rua Madrid, 5, S. Paulo, conseguiu a união de seu filho com a esposa, com o auxílio de Izildinha.

Na nossa Redacção e na Livraria L. Oliveira & C.ª pode ser adquirido pelo preço de 50\$00 o interessante livro da autoria de Pedro Nuno — «IZILDINHA, O ANJO DO SENHOR» — SUA VIDA — SEU AMBIENTE — SUA ÉPOCA — de 374 páginas e farta ilustração fotográfica, do qual pelo autor nos foi oferecido um lote com fins beneficentes. Destina-se todo o produto à Santa Casa da Misericórdia de Guimarães.  
Quinzenalmente publicaremos as Crônicas, a nona das quais se publica hoje, relacionadas com a Vida de IZILDINHA, que viveu e morreu em Guimarães, mas cujo corpo foi levado mais tarde para S. Paulo.

LAVRADORES INDUSTRIAIS PROPRIETÁRIOS

Reparem nos TUBOS GALVANIZADOS que se aplicam nas vossas instalações. Não os comprem de parede reduzida... Como somos os únicos importadores no Concelho, somos os únicos que podemos fazer bons preços.

A Competidora de Representações, L.ª  
RUA DA RAINHA N.º 115 — TELEF. 4523

Francisco Joaquim de Freitas Pereira

Ex-Interno da Maternidade dos Hospitais da Universidade de Coimbra  
MÉDICO ESPECIALISTA  
PARTOS — DOENÇAS DOS RECEM-NASCIDOS  
Médico Vacinador (B. C. G.)  
ONDAS CURTAS  
CONSULTÓRIO: L. 28 de Maio, 22-1.º Consultas:  
RESIDÊNCIA: Av. Conde Margaride 2.ª, 4.ª e Sábado  
TELEFONE 4550 das 15 às 20 horas

diagnóstico, e bem merecemos. A nossa súplica aí fica e não poderemos ser considerados exigentes. AVÉ.  
O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

XV

Os meus contemporâneos recordam-se de ter jogado a bilharada? Faço esta pergunta porque, por mais que observe, não tenho visto nenhum rapaz entretido nesse jogo; e, no entanto, era um passatempo, e exercício, além de simples, de vantagem educativa e de desenvolvimento físico variado, a par de outros que ao mesmo tempo ocupavam o espírito e o corpo dos rapazes do nosso tempo.

E sumiu-se, e parece que de vez. A bilharada! Para os rapazes dos 10 aos 14 anos naquele terreiro do Largo de Santa Clara, e em todos os terreiros da cidade ocupados agora com os numerosíssimos autos que atravancam ruas e largos, vielas e qualquer espaço que dantes era destinado aos folguedos da rapaziada.

Uma tábua afeiçoada com pá e punho e a bilharada que dava o nome ao jogo; a bilharada improvisava-se com um pau de meio palmo aguçado nas pontas, aí da espessura de pouco mais de polegada, e eis os simples instrumentos do jogo.

Riscava-se no terreno uma roda, ou uma cruz, porque havia, como para o pião, essas duas modalidades, e tirava-se à sorte quem ficaria com a pá. Este, o da pá, postava-se na roda, ou na cruz, e punha a bilharada no cruzamento dos dois riscos, no caso da cruz, e dando um golpe numa das pontas da bilharada fazia com que esta saltasse ao ar e, antes de tocar no chão, despedia-lhe uma pásada que a atirava para longe; o outro parceiro tinha de a mandar desse local para a pá e, se este a não apanhasse e a devolvesse, perdia-se a vez, a pá, e era remetido a servente da bilharada.

Isto é o que, mais ou menos, posso reviver desse gracioso jogo, em que nem havia competição, nem campeonatos, nem se lucrava nada senão a ocupação do espírito e do corpo.

E, contudo, era necessária certa agilidade de vista e habilidade para esperar a bilharada no ar e dar-lhe o golpe que a levasse para longe, ou acertar-lhe quando o parceiro a mandava, mais ou menos como no jogo do ténis.

Outro jogo ainda, e também movimentado, era o do eixo, que podia ser parado ou corrido. O corrido, mais simples, consistia apenas em os rapazes saltarem uns por cima dos outros, fazendo de «cavalos» e saltadores à medida que os seus parceiros iam passando; quer dizer, um rapaz servia de saltador e a seguir ia servir de «cavalos» aquele que saltou e assim sucessivamente.

Mas o eixo parado, esse, tinha suas regras e ditos apropriados; para isso tirava-se à sorte o que serviria de «cavalos», e isto com uma pedra numa das mãos e que se escondiam atrás das costas, apresentando-se depois à escolha; se a palmada incidisse na mão vazia, ia o parceiro para «cavalos».

Posto isto o primeiro saltador ajeitava o «cavalos» à altura provável de o avançar sem lhe tocar senão com as mãos e havia rapazes que saltavam com o parceiro em pé, apenas com a cabeça inclinada; outros menos ágeis quase dobravam o «cavalos» pela cintura.

Começava então o jogo pelas palavras sacramentais, que todos os saltadores tinham que dizer: — «Eixo, ribaldeixo, escaramela a pá do eixo».

E a seguir, antes de saltar: — «Um por um».

E lá seguia o jogo e a cada salto tinha os seguintes ditos até dizer: «Um por um; dois — bois; três — Inês; quatro — magaco; cinco — Maria do brinco; seis — dia de Reis; sete — molete; oito — bis-cóito; nove — dá esmola ao pobre; dez — falta-te a albarda que burro já é; onze — os sinos de Mafrã são de bronze; doze — rebaldoze, vinte e quatro com catorze, dezasséis com vinte e um, faz um cento menos um».

Façam a conta e dá mesmo 99. Depois seguia-se outra variedade com as palmadas, esporadas, cuadas, as primeiras perdoadas, as outras dadas e depois carregadas; claro que, parceiro que errasse ia logo para o deprimente lugar de «cavalos».

E ainda havia o «trinca cevada» que, pouco mais ou menos, consistia num rapaz servindo de apoio ao «cavalos», curvado e apoiando a cabeça no peito do primeiro, que lhe tapava os olhos com as mãos.

Este «cavalos» tinha de aguentar com dois parceiros em cima dos costados, e que ao saltarem cá de longe, para ficarem bem colocados, diziam:

— «Trinca cevada, aguenta comigo e co' meu belo camarada».

Então o que estivesse mais perto do cacheco, e com os punhos fechados batendo-lhe nos costados, dizia:

«Trique, trique, trique tão, adivinha S. Simão, quantos dedos tem a mão.»

Nessa ocasião levantava a mão e exibia os dedos que lhe ocorria; o «cavalos», coitado, de cabeça para baixo, com os olhos tapados, tinha de adivinhar os dedos que lembravam ao seu cavaleiro; se acertasse, trocavam-se os lugares, se

não, o cavaleiro, cascando-lhe grosso nas costas, dizia, supunhamos que exibiu três e o outro disse quatro:

«Se disseses três, nem perdias, nem ganhavas, nem levavas as pancadas», e voltava ao «trique, trique, trique tão», etc.

Tínhamos ainda o «Homem», que também se riscava no chão e consistia numa série de compartimentos rectangulares, uns pegados aos outros, representando as várias partes do corpo e tudo encimado por um grande semi-círculo, que era a cabeça.

Jogava-se com uma patela feita de um caco de telha, ou louça partida, alisado numa pedra, e a «pé-coxinho», saltando os sucessivos compartimentos.

Lançava-se a patela ao primeiro rectângulo e com um golpe de pé jogava-se a patela para fora, sempre a «pé-coxinho»; parceiro que pizasse um risco perdia e dava lugar a outro; havia uma altura de dois compartimentos em que, ao passar por eles, se punha um pé em cada um e dava-se um salto de modo a ficar-se voadado, ao mesmo tempo que se trocavam os pés.

A patela, já nos compartimentos superiores, tinha de passar por todos os outros até cá fora, o que exigia habilidade, equilíbrio, destreza e golpe de vista, principalmente na passagem do «Inferno», em que era necessário o cuidado de a não deixar cair; às vezes ficava rês-vés o risco do «Inferno» e então todos gritavam: «está queima, está queima», e perdia-se o jogo, devendo voltar-se ao princípio.

Além de todos estes cuidados, sempre a «pé-coxinho», na cabeça é que se mostrava a habilidade, jogando a patela de uma só vez cá para fora.

A «barra» era para os rapazes taludos, dos 16 em diante, e improvisava-se em qualquer terreiro, mas o mais frequentado era o recinto do Cavalinho, para os rapazes do 5.º ano, nas tardes de Domingo, no tempo em que não havia cinema, nem futebol, e, por isso, tinham ocasião de executar os seus exercícios físicos e serem desportistas de facto, por necessidade de expansão vital, sem paizão mórbida.

A «barra» jogava-se com dois partidos iguais, postados em cada uma das extremidades de um campo, riscando os respectivos compartimentos.

E consistia em sair um jogador de um campo a desafiar outro do contrário, que corria atrás do primeiro até o apanhar; se este se visse em perigo pedia a ajuda de um parceiro que, tendo «barra», ia em perseguição do segundo, enquanto o primeiro tomava «barra», o que já lhe permitia prender o segundo, depois de dizer em voz alta — «barra».

Safam de um lado e outro os parceiros, uns com «barra», outros sem essa defesa, até que um era apanhado com uma palmada nas costas e ficava — preso.

A's vezes havia dois e três presos, a uns metros da «barra» dos captadores, uns a seguir aos outros, e o último com o braço estendido ao aproximar-se um jogador amigo; andavam nestas corridas os amigos empenhados em alcançar os seus e bastava tocar-lhes na mão estendida para os libertar a todos, e os adversários a obstar a este salvamento.

E o curioso é que nesta aparente confusão de jogadores de um lado e outro, sabia-se sempre quem tinha «barra» contra os outros, e o que sucederia agora com os «juizes» de linha e árbitro, para obstar à falta de lealdade que então não existia; logo que se libertassem os presos, recomçava o jogo.

Como se vê desta exposição de jogos desde a infância até à adolescência, a rapaziada tinha sempre em que se entreter, não contando o jogo de pau, que esse era para os gratados, como o Brito, Pai Casaca, Fortunato Sampaio e Leopoldo de Freitas e outros, com exercícios sãos, sem competições e rivalidades e muito longe de esperarem algum lucro que não fosse o de desenvolver o corpo, o espírito e a amizade e camaradagem.

Punha-se em jogo todo o sistema muscular, e o espírito desenvolvia-se nas várias modalidades, sempre renovadas nas épocas próprias em que se praticavam esses jogos.

Há dias, em Felgueiras, estava num estabelecimento para comprar qualquer coisa e vejo entrar duas pequenas, alunas de curso secundário, de 10 e 12 anos, que queriam comprar uma bola, aí coisa de metade das do futebol.

Dantes uma menina queria, quando muito, uma bola de borracha para a jogar ao ar, ao chão e tornar a deitá-la, nesse jeito que para aí agora chamam «dribblar», e era portanto mais pequena.

Estranhando o facto, disse: — O quê, uma bola desse tamanho? — Quer-ma o senhor pagar? — coisa que uma menina de outrora não se atrevia a dizer. — Pago-lhe mas é uma boneca

CHEGOU O INVERNO

Cautela. Compre os seus agasalhos na Casa Jaime ou na Camisaria Martins. O maior sortido de malhas, camisolas, ceroulas, meias e peúgas de lã. Luvax, guarda-chuvas, galochas, botas de borracha, casacos e capas de borracha, calçado de agasalho. Prefiram a Casa Jaime ou a Camisaria Martins. 611

De V. Ex.ª cd.ª ven.ª e obg.ª X.

## O Natal em S. Crispim

A Comissão Administrativa da Irmandade de S. Crispim dirigiu aos vimaranenses o seguinte apelo: Aproxima-se o dia bendito de NATAL. Palavra mágica essa palavra NATAL... Nome de harmonia celeste, fogueira de caridade, iman que prende os homens numa cadeia de fraternidade cristã.

E mais uma vez se avizinha essa quadra para um Mundo de tanta miséria e tanto sofrimento. E sempre existirão essas palavras negras enquanto os homens não souberem cantar, à luz da fogueira NATAL, o hino maravilhoso do Presépio.

Juntemos as mãos para semear caridade.

A Irmandade de S. Crispim e S. Crispiano, como há tantos séculos vem fazendo, vai distribuir a Ceia a todos os pobres que passem pelo seu Albergue.

Para isso é necessário que todos correspondamos ao apelo dos mais pobres, repartindo com eles um pouco do que Deus pôs na nossa mesa.

Deus vos recompensará e em nome dos pobres, subscreve-se grata

A Comissão Administrativa.

N. B. — As esmolas podem ser entregues nas seguintes casas: Barbearia Simão Costa, à Rua de Santo António; Manuel da Cunha Machado, à Porta da Vila; e Casa Chafarica, no Largo do Toural.

Todas as pessoas que desejem dar géneros (batata, açúcar, bacalhau, azeite, vinho, etc.) podem entregá-los nas mesmas casas.

Dada a carestia da vida e o custo elevado, serão muito de apreciar essas esmolas em géneros alimentícios.

## Use Gazcidla

### TODA A GENTE SABE...

Toda a gente sabe que os melhores IMPERMEÁVEIS, em corte e confecção são os desta marca



Unico vendedor em Guimarães

### «A IMPERIAL»

Rua de Santo António, 32-34  
Telefone: 4 0157 507

## Use Gazcidla

que me parece mais própria para a sua idade.

— Olha, uma boneca!... Puff!, disse ela voltando-se para a mais pequena, que também me olhou um pouco desdenhosa.

E estamos nisto... da bola.

Juqueiros — Felgueiras, 8 de Novembro de 1955. Continua

A. DE QUADROS FLORES.

## De Covas

### Serviços Médico Sociais

A norma da Caixa Sindical parece que é diferente das Companhias de Seguros para com os seus beneficiários, no que se refere a assistência clínica... Vejamos: enquanto as Companhias de Seguros tratam com os melhores medicamentos os seus sinistrados, a Caixa Sindical só receita, na maioria, medicamentos de preços baixos. Assim, quando o beneficiário tem uma doença em que qualquer dos medicamentos aconselhados é de preço elevado, (como por exemplo para a febre tifoide), tem de comprar os medicamentos pagando a totalidade.

Quantas vezes o doente não tem dinheiro para pagar a quarta parte, (25 %), como é que há-de ter para pagar a totalidade dos medicamentos de preço elevado?

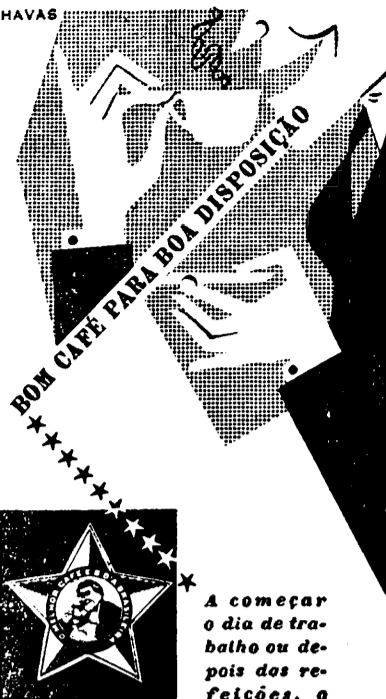
Um exemplo: — Ainda há dias um beneficiário que precisou dum medicamento de preço mais elevado, único indicado para o tratamento, teve de adiantar o dinheiro e para receber os 75 % que é a parte da Caixa, teve de arranjar uma declaração do médico; um recibo selado de cada farmácia onde comprou os medicamentos para serem entregues juntamente com as receitas na Delegação da Caixa e depois esperar o tempo que eles quiserem pelo reembolso. Na Delegação fizeram-lhe observações que não devem ser da competência dos funcionários — dizendo a dose que devia tomar e que o medicamento devia durar mais tempo, dando a impressão que sabem mais que os clínicos. E os beneficiários dizem e com razão, que estas exigências é para ver se o mesmo desiste de requerer o dinheiro que pagou indevidamente.

Dizíamos há dias nestas colunas que os beneficiários da Caixa Sindical não tinham dentista, pois só podiam consultar em casos muito especiais e esperar pelo dinheiro da consulta o tempo que eles quisessem. A propósito, informamos que o reparo deu o resultado desejado, porquanto já não põem «mil» dificuldades aos beneficiários. Mais nos informaram que provisoriamente a consulta é feita nos consultórios dos especialistas. Ainda bem. A propósito, chamamos a atenção de quem superintende nestes assuntos para o facto de alguns beneficiários aguardarem há mais de 100 dias o dinheiro que pagaram indevidamente nas consultas.

### As novas automotoras e o combóio... jacto!

Ao contrário do que nos informou em Outubro um inspector da C. P., não começaram a circular em Novembro as novas automotoras, que devem vir substituir as «miniaturas» que andam em circulação e que são um meio de transporte incerto e com a 1.ª classe obrigatória. Novamente nos informou que, possivelmente antes do fim do ano, o que já agora também duvidamos, a não ser que venham com as... rabinadas!... Parece que a C. P. resolveu «castigar» os estudantes e empregados que forçosamente se utilizam dos seus serviços e que entram nas suas ocupações às 9 horas; pois, transporta-os no combóio «eterno» de mercadorias, formado na Trofa e que parte da estação de Negrelas às 5,23, chegando a Guimarães às 7,37 — até parece um combóio a... jacto; mais de duas horas numa pequena distância de 18 quilómetros, quando faz o horário, o que nem sempre se cumpre.

Alguns destes estudantes são já uns «azes» no jogo do bilhar — devido ao grande intervalo na cidade e para não andarem quase hora e meia pelas ruas da cidade a apañar frio, vão para o café passar o tempo... Por culpa de quem? De



A começar o dia de trabalho ou depois dos refeições, o bom café é a bebida ideal. O bom café da «Brasileira», há mais de meio século, é o preferido de todos os conhecedores.

O MELHOR CAFÉ É O DE  
**A BRASILEIRA**  
TELES & CIA, LDA.  
RUA DE SÁ DA BANDEIRA, 61-71 PORTO

ENVIAR-SE PARA TODA A PARTE

### Aos nossos estimados leitores

Se tem de comprar uma gabardine, aconselhamos que compre na Casa Jaime, as gabardines de fabrico Inglês EAGLE.

São as mais elegantes e as mais baratas.

A Casa Jaime apresenta o maior sortido em gabardines, e impermeáveis para homem, senhora e criança.

Vejam o sortido e preços da Casa Jaime. Fixe bem. Casa Jaime ao Toural. 461

### FIBRA ARTIFICIAL



Agentes-Depositários  
**WANDSCHNEIDER & C., L.D.**  
R. Cândido dos Reis, 74-2.º  
TELEF. Est. 17 Comp. 21 404 PORTO

### AO PASSAR AO TOURAL

Repare nas montras da Casa Jaime, veja as elegantes Camisas Magna, modernos casacos, blusas, polveres e meias de lã, luvas de pelica e agasalho, guarda-chuvas, finíssimos perfumes e objectos para brindes. Um encanto. Só na Casa Jaime, ao Toural. 510

certo que não é dos pais que muito se esforçam para os educar, em virtude do péssimo horário do único meio de transporte. Perguntase: — Se não é uma «perlice» da C. P., por que motivo estão paradas e a criar ferrugem as novas automotoras, na Boavista, desde o S. João? Valha-nos este Santo... — C.

Notícias de Guimarães n.º 1249 -- 11 - XII - 1955

COMARCA DE GUIMARÃES  
Secretaria Judicial

### Éditos de trinta dias

1.ª PRAÇA  
(2.ª publicação)

Pela 1.ª Secção do 2.º Juízo da comarca de Guimarães, correm éditos de trinta dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando a ré ELISA FERREIRA DE MATOS, que também usa os nomes de ELISA AUGUSTA COELHO DE MATOS e ELISA FERREIRA DA SILVA, viúva, comerciante, ausente em parte incerta do Continente e que teve a sua última residência conhecida na freguesia de São João das Caldas de Vizela, desta comarca de Guimarães, para no prazo de vinte dias, findo o dos éditos, contestar, querendo, a acção com processo ordinário que lhe move o Banco Nacional Ultramarino, com sede em Lisboa, pelos fundamentos constantes do duplicado da petição de folhas duas, arquivado na respectiva secção e na qual se pede em substância a sua condenação para pagar ao autor Banco Nacional Ultramarino, solidariamente com os co-réus António Azevedo Ferreira e mulher Ana Machado Pereira e Mário Duarte Silva e mulher Elisa Duarte Silva, a quantia de 120.000\$00, os juros legais desta importância desde o vencimento da letra até ao pagamento, 87\$00 de despesas com o protesto e ainda custas, selos e procuradoria, sendo a mesma ainda citada para confessar ou negar a sua firma, nos termos do art. 480.º parágrafo 3.º do Código do Processo Civil, seguindo-se os demais termos até final. Guimarães, 9 de Novembro de 1955.

O Juiz de Direito do 2.º Juízo,

Valdemiro Ferreira Lopes.

O Chefe da 1.ª Secção, 575

José Maria Soares.

### Declaração

ALBERTO FERNANDES, construtor civil, vem declarar para os devidos efeitos que nunca autorizou seu filho José Marques Fernandes, comerciante, morador no lugar do Motelo, Fermentões, a assumir compromissos em seu nome nem se responsabiliza por quaisquer compras quer sejam feitas em seu nome ou do declarante. 579

### SOFRE DOS CALOS?

Não perca tempo e dinheiro com deslocações a outras terras para os tratar!  
Trate-os em Guimarães, no Largo Condessa do Juncal, 27-1.º. Telefone 40471. 507

## BATATA DE SEMENTE

NACIONAL E ESTRANGEIRA

### VENDE

José Ferreira Botelho & C.ª, L.ª

Rua do Mousinho da Silveira, 140-1.º — PORTO

FAÇAM DESDE JÁ OS SEUS PEDIDOS AO SEU REPRESENTANTE EM GUIMARÃES

**PEDRO DA SILVA FREITAS**  
(CHAFARICA)

RUA DE SANTO ANTÓNIO, 11 e 13

TELEFONE 4221 Teleg. PERFEITAS 577

## J. MONTENEGRO

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS — ALTA E BAIXA TENSÃO

Largo 28 de Maio, 78-1.º — Tel. 4510

GUIMARÃES 409

## Compre de repente e pague suavemente...

a 20\$00 semanais

### O SEU RÁDIO RECEPTOR

das MARCAS:

PHILIPS-SIERA-GRUNDIG-PHILCO-TONFUNK-SCHAUB

com garantia total e representadas por:

**A. GOUVEIA**

Av. Conde de Margaride — Stands 3 e 4 — Guimarães

**ELECTROLANDIA**

Largo do Toural — Guimarães 155

DA SÉRIE DE  
**1956**

DA

**TELEFUNKEN**

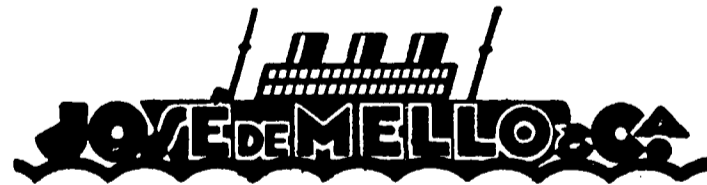
PIONEIRA DA RÁDIO 425

JÁ CHEGOU A PORTUGAL

**O MODELO POPULAR**

CASA DAS NOVIDADES — GUIMARÃES

**Agentes Transitários e Camionistas**  
Entregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação.  
Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



S U C E S S O R A

Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIO: Rua Nova da Alfândega n.º 67 — PORTO

Telefones: 21075 e 21074 — Est. 57

ARMAZÉM EM MATOSINHOS 17

Telef. Mat. 647

## APRENDER ATÉ MORRER...

(Coisas e... coisas)

### 29. — PRODUTOS DA ÍNDIA

Quando, no dia seguinte ao da chegada (da Índia), Nicolau Coelho foi ao paço e mostrou ao rei e à corte reunida os colares, jóias, panos do rei de Cananor e de Melinde, as cartas de folhas de ouro, o âmbar, o almíscar, o benjoim e as porcelanas de Calicut; quando ele e outros depois lhes disseram que a Índia oriental é rica de diamantes, rubis, ágatas e safiras; que tem o pau-rosa, o sândalo e os álces; que em Malaca há torrentes que rolam palhetas de ouro; e que por isso a região de além do Ganges, em que assenta Malaca, e a parte

setentrional do reino de Sião se chama Península dourada ou Quersoneso de ouro; que das Molucas vem o cravo; de Sunda, a massa e a noz moscada; de Bengala, os tecidos preciosos; do Pegú, os rubis; de Ceilão, a canela; de Masapattão, os diamantes; de Manar, as pérolas e os aljófares; de Achém, o benjoim; das Maldivas, o âmbar; de Janapatão, o marfim; de Malabar, a pimenta e o gengibre; de Bornéu e Ceilão, a cânfora; de Cambaia, o anil; do Japão, as porcelanas; de Cachemira, o açafraão e os chales, que por finos, se fecham no punho; — quando lhes disseram isto e souberam depois que no reino de Laóre, nas vertentes do Himalaia, uma das montanhas mais altas do mundo, há o país de Cachemir, que se eleva a 5.350 metros acima do nível do mar e

que passa por ser o Eden da terra; que na Índia há planícies onde a mão cuidadosa do homem pode obter cinco colheitas no ano, e que nos planaltos das colinas, cobertas de palmeiras, de ananazes, de árvores de pimenta, de cepas de vinha e de roseiras sempre em flor, por três vezes no ano se vêem nascer e amadurecer os mais deliciosos frutos; que a Índia, a venerável, a privilegiada, a simbólica, a misteriosa, cuja história se perde na noite dos tempos, foi a mais antiga região civilizada que se conhece, e é considerada o berço do género humano; quando souberam tudo isto, o entusiasmo subiu de ponto, e todos creram que se não tinha descoberto só um grande país, mas que se tinha achado o paraíso do mundo.

A. X. Rodrigues Cordeiro (Serões de história).

### 50. — BRAGA E GUIMARÃES

Entre as cidades do Minho mais próximas das principais caldas deve-se especializar, como a mais digna de atenção e de estudo, Guimarães.

Sustenta umas poucas de indústrias importantíssimas: a dos panos de linho, a de cutelaria, a das iinhas e a do couro, cujos produtos espalha por todo o País, e exporta para o Brasil e para a África. Guimarães, no meio do movimento interior do seu trabalho, de uma feição essencialmente moderna, conserva nos seus aspectos exteriores o fundo cunho tradicional, antigo, legitimamente português.

Extremamente abastada e poderosa, Guimarães não faz, senão violentamente e em grau muito restrito, concessão alguma às invasões espúrias da moda alheia e da moder-

nidade. Conserva os seus velhos usos e costumes, os seus antigos hábitos, com a rigidez severa de um burguês honrado, que tem princípios sólidos, convicções firmes, inquebrantáveis e propriamente suas.

E' por esse lado tradicional que Guimarães é profundamente interessante para as observações da arte e para a educação nacional do espírito e do carácter.

Braga conserva ainda em algumas das suas velhas ruas o aspecto mourisco que particularmente distingue Guimarães. A igreja da Sé braguesa, a que estão ligadas muitas recordações históricas, é um dos mais espaçosos templos de Portugal. Junto do altar-mor estão sepultados o Conde D. Henrique e sua mulher D. Teresa, ascendência da primeira dinastia portu-

guesa. Na igreja do cemitério acha-se o corpo de S. Geraldo, padroeiro da cidade, e dizem fazer as cinzas de Martim de Freitas, o honrado e fiel Alcaide de Coimbra, que foi a Toledo depositar sobre o túmulo do seu Rei as chaves do castelo confiado à sua guarda. Em diferentes capelas da catedral estão sepultados o Arcebispo D. Lourenço, que pelejou em Aljubarrota; Santo Ovídio; D. Afonso, filho de D. João I; S. Pedro de Rates, primeiro prelado de Braga, e S. Martinho Dumense.

Braga ufana-se com a série de homens ilustres que nela ocuparam a cadeira metropolitana, entre os quais figuram o Cardeal-Rei D. Henrique, S. Torcato, S. Vitor, o Papa João XXII, D. Baltazar Limpo, Frei Bartolomeu dos Mártires e Frei Caetano Brandão. Ramalho Ortigão, Banhos de Caldas e Águas Minerais.



# DESPORTO

## A "MARATONA" DO FUTEBOL NACIONAL

Vitória, 3 — Salgueiros, 1

### Generalidades sobre um encontro bem ganho pelos vimeiranos

Em primeiro lugar parece-nos que é de salientar a boa actuação do conjunto do Vitória no seu jogo do último domingo. De facto a equipa vimeirana evoluiu no terreno com um desenvolvimento técnico de grande mérito. Se a sua defesa se apresentou forte, quase impenetrável, de tal modo que o adversário também quase não criou ocasiões de golo, o seu ataque, apoiado eficazmente pela linha média, jogou de molde a justificar um resultado mais amplo. Desde Silva, que se evidenciou somente pela sua atenção ao jogo em dois ou três cruzamentos, ou desde Virgílio, Silveira e Costa, que mataram, antes da sua grande área, todas as tentativas de perfuração adversária, ou desde ainda Cesário e Bibellino, que manobram no meio do terreno afoitos e construtivos, até, finalmente, ao ataque, que constituiu por Bártolo, Lutero, Ernesto, Rosato e Benje, enleou o sector defensivo adversário a seu belo prazer, todos constituíram um bloco unido, produtivo, certo e bom, na real aceção que as palavras o querem dizer.

Poderão aqueles que não viram o jogo, ou mesmo os outros que a ele assistiram com *vista toldada*, dizerem-nos que a amplitude do resultado não confirma a nossa opinião. Mas é evidente que a madeira das balizas, por três ou quatro vezes, e Barrigana, em muitas e variadas circunstâncias, é que possibilitaram a estreiteza dos números e, portanto, o *leve ruído* do resultado.

É certo que não foi desde o primeiro ao último minuto permanentemente boa a exibição dos vimeiranos. Mas desde o início do encontro até à marcação da *forçada* grande penalidade, pode-se dizer que só uma equipa jogou no terreno. A seguir a ela os vimeiranos afrouxaram um pouco, um tanto aturidos pela injustiça, mas depois, a partir do meio do segundo tempo, voltaram a ser senhores totais do terreno e donos plenos de todo o jogo.

Ao vermos Barrigana jogar como o fez na Amorosa, no último domingo, não podemos deixar de nos recordar da maneira como actuou no Boavista-Porto, que criou o chamado «caso do Bessa», razão fundamental da descida do Vitória para a II Divisão. Mencionar o facto parece-nos certo, pois uma vez mais se evidenciou que aquilo, que lá aconteceu, não foi coisa normal, mas sim vergonha desportiva...

Por outro lado há a salientação do facto de os Salgueiros ter ficado reduzido a dez jogadores, logo nos primeiros minutos do encontro. Os jornais, sobretudo os jornais tripeiros, fizeram muita referência ao acontecido, com o cuidado de dizerem que nenhum dos jogadores vimeiranos teve culpa do sucedido, mas esqueceram-se de mencionar que a lesão proveio, criada pelo próprio jogador, num momento em que *agredia* um adversário. De tal modo isto aconteceu assim, que o árbitro do encontro marcou, na sequência da jogada, castigo contra os portuenses. Fazemos esta referência ao facto, em pormenor, por nos parecer que alguns, mesmo bebendo *água da Senhora da Oliveira* já há bastante tempo, descobriram *pecado* onde somente houve boa fé...

Ficha do jogo: Vitória — Silva, Virgílio e Costa; Cesário, Silveira e Bibellino; Bártolo, Lutero, Ernesto, Rosato e Benje. Salgueiros — Barrigana, Figueiredo e Gualdino; Lenine, Mário e Saraiva; Antonez, Lopez, Rosa, Arieto e Tay. Arbitragem de Paulo de Oliveira (Santarém).

O Vitória marcou, na primeira parte, por Benje e Rosato, e o Salgueiros fez o seu ponto de honra, de grande penalidade, por Lopez. No segundo tempo o Vitória voltou a marcar por intermédio de Ernesto.

Resultados gerais da jornada: Vitória, 3-Salgueiros, 1; Peniche, 3-Gil Vicente, 1; Espinho, 8-U. de Coimbra, 0; Leixões, 3-A. Vizeu, 1; Chaves, 1-Sanjoanense, 2; Leões, 2-Tirsense, 1, e Vianense, 3-Boavista, 3.

A jornada de hoje comporta os encontros seguintes: Boavista-Vitória; Salgueiros-Peniche; U. de Coimbra-Leixões; Gil Vicente-Espinho; A. Vizeu-Chaves; Sanjoanense-Leões, e Tirsense-Vianense.

O Vitória desloca-se ao Campo do Bessa. Vai disputar um encontro da maior responsabilidade e onde as dificuldades devem ser

enormes. A equipa vimeirana possui presentemente um fio de jogo capaz de todos os cometimentos e, portanto, é de esperar um bom resultado. Não temos dúvidas da compenetração de que estão possuídos os jogadores para enfrentarem as dificuldades atrás mencionadas e também acreditamos que os adeptos estão resolvidos a ajudá-los no alcance do melhor resultado possível. Muita gente de Guimarães se deve deslocar ao Porto e assim temos a certeza que o apoio à equipa da nossa Terra será constante e verdadeiramente eficiente. Votos pelo melhor resultado.

L. R.

### Campeonato Regional de Juniores

Mais três encontros se disputaram para este torneio. Um no dia 1 de Dezembro, em Braga, entre o Sporting local e o D. F. Holanda, que os bracarense venceram por 4-1. Os outros dois jogaram-se no passado domingo, disputados nos campos das equipas indicadas em primeiro lugar e finalizaram com os resultados seguintes: Sporting de Fafe, 1-Sporting de Braga, 5; Vizeu, 0-D. F. Holanda, 6.

Continua assim a prova recheada do maior interesse, começando a aparecer aquelas equipas que têm mais possibilidades em se classificarem nos primeiros lugares. Os *escolares* de Guimarães, nos dois encontros que fizeram, não foram felizes no disputado na capital do distrito, mas já na vila de Vizeu voltaram a mostrar a sua evidente capacidade.

No passado dia 8, jogaram-se também dois jogos, o Vitória-Vianense, na Amorosa, e o Vizeu-Sporting de Fafe, naquela vila. A estes encontros nos referiremos mais circunstanciadamente no próximo número.

Hoje disputa-se a 6.ª jornada com os encontros seguintes: D. F. Holanda-F. C. Fafe; Sporting de Braga-Vizeu, e Sporting de Fafe-Vianense. O encontro da Amorosa está marcado para as 10 horas da manhã.

### Na festa de Cerqueira o Vitória venceu o Sp. de Braga por 4-1

Constituiu um verdadeiro êxito a Festa de Homenagem ao jogador Eduardo Cerqueira. Nem outra coisa era de esperar, dada a simpatia que o citado desportista tem no meio vimeirano e até em toda a região minhota. O rendimento do encontro, sobre o ponto de vista económico, foi o melhor de sempre em festas desta natureza, realizados na nossa Terra. E ainda vários associados do Clube e diversas firmas comerciais e industriais prendaram o jogador, associando-se assim à manifestação justa dos desportistas vimeiranos. E de salientar também o auxílio do Sporting Clube de Braga que colaborou graciosamente no festival e não deixou ainda de trazer uma dádiva para o Cerqueira. A equipa de arbitragem, chefiada pelo sr. António Lemos da Silva, de Barcelos, deu também a sua colaboração graciosamente, tendo a Comissão Distrital de Árbitros, deixado de cobrar as taxas a que tinha direito, prestando assim também a sua homenagem a um jogador que nunca criou, durante a sua longa carreira, qualquer problema aos dirigentes desportistas.

O festival principiou por uma cerimónia que constituiu propriamente a homenagem a Eduardo Cerqueira. Depois das duas equipas terem entrado em campo, Eduardo Cerqueira foi conduzido ao meio do terreno pelos capitães do Vitória e Sporting Club de Braga. Então António Faria Martins, que foi o dirigente que trouxe Cerqueira para as equipas do Vitória, fez o elogio do jogador, enaltecendo as suas qualidades de desportista íntegro e sobretudo de homem de bem. Depois foi entregue um ramo de flores ao homenageado por uma criança equipada à Vitória.

Seguiu-se a partida de futebol, tendo inicialmente as duas equipas apresentado as seguintes formações: Vitória — Silva, Virgílio e Costa; Cesário, Cerqueira e Bibellino; Bártolo, Rinaldi, Ernesto, Lutero e Benje. Sp. Braga — Faria, José Maria II e Abel; Armando, Calheiros e José Maria; Baptista, Velez, Imbelloni, Gabriel e Cabrero. Durante o jogo e sobretudo na segunda parte fizeram-se várias substituições, tendo entrado do lado do Vitória, Lobato, Daniel,

## No MEU CANTINHO

(Retardado)

No domingo, dia 6. Três Prisões no Jornal da Matilde: a Poesia bem feliz, o Fundista empolgante e a Maria Eduarda em Hora Alta.

Ontem, delíci-me com a formosa Homenagem que «A Voz do Pastor», tripeirino, prestava à minha queridíssima Isabel Lesseur.

Que vida tão prendedora!

Segunda-feira, 14. Tenho o meu paladar muito esgotado.

Nem a Matilde, nem o Antonino, mo despertaram.

Despertou-me, hoje, o *Diário* braguês com a Carta de Guimarães a salientar o 1.º aniversário da morte do saudosíssimo Jerónimo Sampaio.

No domingo, 27. Para o jornal da Matilde: se a Poetisa brilhou muito, o Poeta brilhou mais.

Li, com sumo prazer, o relato do «Eco do Funchal» sobre a Conferência de D. Ludovina Frias de Matos, realizada no Ateneu Comercial do Funchal.

No domingo, dia 4. Andam com pouca sorte os meus rabiscos:

O cesto engole-os todos a brincar...

Feliz, feliz, feliz, o *Inverno* do Delfim.

GERESINO.

## Use Gazcidla

Artur, Silveira, Semedo e do lado do Sp. Braga, entre outros, Garófalo, Pinto Vieira, Alcibiades, Rafael, Costa, Gomes e Palmeiro.

O encontro em si foi agradável de seguir-se. As duas equipas compenetraram-se da categoria do jogo e exibiram-se pensando somente na bola, executando o melhor possível e, portanto, dando à partida uma característica verdadeiramente interessante. E de dizer que o Vitória foi senhor total do jogo, sobretudo na primeira parte, quando os bracarense se encontravam com o seu melhor, fazendo jogadas que entusiasmaram verdadeiramente a assistência. A despreocupação de não haver pontos a alcançar com o resultado final do jogo, fez com que os locais demonstrassem a valia técnica, que hoje possuem e que, necessariamente, não pode ser evidenciada nos jogos da II Divisão, onde os adversários tem mais preocupações do que jogar somente com a bola.

Os golos foram marcados, na primeira parte, por Lutero e Benje para o Vitória e no segundo tempo, primeiro por Garófalo para o Braga e por Benje e Rinaldi para os vimeiranos.

Por tudo que se diz atrás, podemos considerar satisfeitos aqueles que levaram a efeito a homenagem a Eduardo Cerqueira, porque esta foi totalmente um êxito e correspondeu ao mérito do desportista que bem a mereceu.

### Desportivo Francisco de Holanda

O Desportivo «Francisco de Holanda» está a festejar mais um ano de existência, tendo realizado na noite do penúltimo sábado, no salão de festas do Teatro Jordão, uma reunião familiar que decorreu com grande animação e esteve bastante concorrida.

No dia 8 e no templo da Misericórdia, foi rezada uma missa por alma dos componentes falecidos, tendo-se efectuado, seguidamente, uma romagem ao cemitério.

## Use Gazcidla

**CRÓDGA COGNEIRA** Perdeu-se em 27-11, branca, com pintas nas orelhas, já velha. Dá pelo nome «Beleza». A todo o tempo se procede contra quem a retiver. Para informações, Vital Marques Rodrigues — Covas, ou Manuel Leite Pereira.

# COMUNICADO

Henrique de Sousa Correia Gomes comunica a todos os seus amigos e clientes que continua a colaborar com «A SOCIAL», **Companhia Portuguesa de Seguros**, e que não passou qualquer procuração para que os seguros de sua angariação sejam transferidos para outra Companhia.

Guimarães, 10 de Dezembro de 1955

a) Henrique de Sousa Correia Gomes.

590

## MISERICÓRDIA DE GUIMARAES

Sessão de 18 de Novembro

(Retardada na Redacção)

Sob a presidência do Provedor, sr. Mário de Sousa Meneses, reuniu-se a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

Aberta a sessão, a Mesa tomou conhecimento do seguinte expediente:

— Ofício do sr. Claudino Augusto Chaves de Oliveira, solicitador encartado, da cidade do Porto, a informar de que a sr.ª D. Emilia Rosa de Sousa Salgado, viúva do falecido José Fernandes Salgado Guimarães, repudiou o usufruto que seu marido lhe deixou, cujo termo de repúdio foi lavrado na 1.ª secção do 1.º Juízo Cível do Porto. Mais informou de que para efeito de partilha ia requerer em nome da sua constituinte o respectivo inventário.

DELIBERAÇÕES:

— Deferir o requerimento do sr. João Pião Sampaio para a remissão de um foro no valor de oitenta centavos, pago anualmente, conforme a informação e condições apresentadas pelo advogado desta Santa Casa.

— Autorizar a montagem da canalização para a colocação de uma torneira no segundo pavimento do Asilo de S. Paio.

— Fazer-se representar, pelo sr. João A. da Silva Guimarães, na homenagem que a V. O. Terceira de S. Domingos vai prestar a um benfeitor, no próximo dia 20, conforme o convite que foi feito a esta Instituição, por ofício n.º 114/55, do dia 17 do mês corrente.

— Adquirir cobertores, cobertas e pano branco para o Hospital e Asilos desta Misericórdia.

— Exarar na acta um voto de pesar pelo falecimento do Irmão capitão Duarte Ferreri de Gusmão Sousa Fraga.

— Aprovar o balancete do cofre apresentado pelo sr. tesoureiro e verificar o cumprimento de todos os legados.

— Registrar, com muito reconhecimento, os donativos de 80 colmeiros de palha do rev. Pároco da freguesia de Azurém e 24 colmeiros do rev. Pároco da freguesia de S. Memede de Aldão.

A Mesa tratou ainda de vários assuntos de interesse para esta Santa Casa.

### As declarações prestadas no Arrolamento Geral de Gado e Animais de Capoeira não serão utilizadas para fins tributários ou fiscais

É já do conhecimento do público que vai realizar-se no corrente mês, referido ao próximo dia 15, o Arrolamento Geral de Gado e Animais de Capoeira. Esta operação, que se estende a todo o Continente e Ilhas Adjacentes, serve apenas para fins estatísticos e as declarações prestadas serão confidenciais, em nenhum caso podendo ser utilizadas para fins tributários ou fiscais.

Todos os detentores de gado ou animais de capoeira deverão prestar a sua colaboração a esta iniciativa que permitirá conhecer com exactidão quais são os efectivos pecuários do nosso país, o que, como facilmente se compreende, tem um grande interesse.

O Arrolamento será feito de molde a causar o mínimo de trabalho a todas as pessoas a quem diz respeito e, assim, a distribuição dos boletins, que são gratuitos, será efectuada em todo o país pelos Regedores da Freguesia e Agentes Recensadores, os quais deverão

## TEIXEIRA & FREITAS, L. DA

AGENTES DA

# SACOR e CIDLA

LARGO DOS NAVARROS DE ANDRADE

TELEF. 4547

Use GAZCIDLA Use GAZCIDLA

## Jerónimo Assunção Ferreira

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS DE QUALQUER GÉNERO

VENDA DE MATERIAL

ORÇAMENTOS GRÁTIS

RUA DA RAINHA D. MARIA II — TEL. 4204 (favor) GUIMARAES

426

373

também auxiliar ao preenchimento dos documentos, sempre que isso lhes seja solicitado pelos declarantes. Essa circunstância não impede, contudo, que todos os detentores de gado ou animais de capoeira tenham de cumprir o seu dever, pois estão previstas por lei sanções para quem prestar falsas declarações ou se negar a dar as informações necessárias para o preenchimento dos boletins.

Notícias de Guimarães n.º 1249--11-III-1955



COMARCA DE GUIMARAES

Secretaria Judicial

## ANÚNCIO

(1.ª publicação)

No dia 14 de Janeiro próximo, pelas 11 horas, no Tribunal Judicial desta comarca de Guimarães, e nos autos de acção sumariíssima em execução de sentença, que Francisco Gonçalves Guimarães, casado, proprietário, da freguesia de Polvoreira, desta comarca, move contra João Barbosa Mora e esposa, ele comerciante, residentes na rua Doutor Alfredo Pimenta, desta cidade, que corre seus termos pela segunda secção do segundo Juízo de Direito, há-de ser posta em praça, pela primeira vez, para ser arrematada ao maior lance oferecido acima do valor de cem mil escudos, a seguinte morada de casas apreendida àquele executado: Uma morada de casas com duas frentes, uma para a rua de Gil Vicente, com os n.ºs 100, 102 e 104 e outra para a rua de Paio Galvão, com os n.ºs 116 a 126 e um terreno de horta, onde se acha construído um barraco, descrita na Conservatória sob o n.º 34335, a fliz. 185 do Livro B-95 e na matriz predial urbana sob o art.º 185.º.

Guimarães, 2 de Dezembro de 1955.

O Jutz de Direito,

Valdemiro Ferreira Lopes.

O Chefe de Secção,

António de Castro Pereira.

## Ofertas e Procuras

**Explicações** Pessoa habilitada, dá explicações até ao 5.º ano do Liceu. Informa a redacção.

**BICICLETA, NOVA** De senhora, vende-se. Nesta Redacção se informa. 571

**Empregado de Escritório** Precisa-se, habilitado em escrituração. Carta à Redacção. 581

**Dinheiro** Empresta-se, sobre hipoteca. Juro barato. Rua Dr. Avelino Germano, 98-2.º — Guimarães. 587

**Prédio novo** Aluga-se na rua dr. Alfredo Pimenta, com boas lojas, garagem e grande quintal. Tratar no Café Oriental. 591

**Duplicador** VENDE-SE. Rotativo, Cílostie, como novo. Informa — Reinaldo Ribeiro — Guimarães. 585

## Use Gazcidla

### Para realçar a sua elegância...

Para realçar a sua elegância, minha senhora, compre V. Ex.ª um impermiável «DANNIMAC» talhado em Inglaterra por

«DANNIMAC»

Um exclusivo de

«A IMPERIAL»

Rua de Santo António, 32-34 Telefone: 40157 GUIMARAES

## Use Gazcidla

Anúncio no Notícias de Guimarães